

Inovação: As tecnologias da informação e da comunicação como um meio de empoderamento das mulheres?**FRANCISCO CARLOS LOPES DA SILVA**Universidade Federal de Pernambuco
fran.carlo@uol.com.br**MARIA ALEXANDRA VIEGAS CORTEZ DA CUNHA**Fundação Getulio Vargas
mariaalexandra@gmail.com



Inovação: as tecnologias da informação e da comunicação como um meio de empoderamento das mulheres?

Resumo

O objetivo deste artigo é entender como as tecnologias da informação e da comunicação (TICs) são um meio de empoderamento das mulheres, bem como promovem desenvolvimento econômico, político, social e cultural. A metodologia utilizada é a revisão de literatura, elegemos artigos tendo como critério a relação com as palavras chave da pesquisa. Como resultado, identificamos conceitos e práticas de empoderamento articulados ao uso de TICs por mulheres. Esses conceitos servem de fundamentação ao estudo e análise das práticas identificadas como por exemplo mulheres organizadas em redes sociais, na web usando sites, blogs. Elas buscam informações na rede, no google, facebook e youtube. Entendemos que existe uma discussão necessária em torno do tema e deles emergem oportunidades de investigação como as relações intersubjetivas na transmissão de habilidades tecnológicas, a retomada de discussão em torno da capacitação para uso das TICs, a presença feminina no empreendedorismo, na web e sua dinâmica nas relações de gênero.

Palavras-chave: Tecnologia da Informação e comunicação, empoderamento, mulheres.

Abstract

The objective of this article is to understand how information and communication technologies (ICTs) are a means of empowering women, as well as promoting economic, political, social and cultural development. The methodology used is the literature review, we chose articles having as criterion the relation with the key questions of the research. As a result, we identify concepts and empowerment practices articulated to the use of TICs by women. These concepts serve as a basis for the study and analysis of identified practices such as women organized in social networks, on the web using websites, blogs. They search information on the network, google, facebook and youtube. We understand that there is a necessary discussion around the subject and from them emerges research opportunities such as the intersubjective relations in the transmission of technological skills, the resumption of discussion about the capacity to use ICTs, the female presence in entrepreneurship, the web and its dynamics in gender relations

Keywords: ICTs, empowerment, women.



1 Introdução

As TICs são relevantes pelo seu poder transformador e estratégico na sociedade. O seu uso por governos, em políticas, movimentos sociais, organizações e indivíduos, envolve relações de poder e ideologias, além disso, podem democratizar a informação solucionar problemas que afetam a humanidade, melhorar a forma de gestão das cidades, a liberdade e as possibilidades de escolha entre outras. (Avgerou, 2010; Diniz, Pozzebon, Jayo, 2009; Mayoux, 2005; Kleine, 2009; Heeks, 2010; Walsham et al, 2007; Cunha, 2013).

Corroborando a discussão, Kleine (2009), destaca na abordagem de capacidade, construção teórica de Amartya Sen, como o conceito de desenvolvimento é definido como um processo de expansão das liberdades reais das pessoas. Assim, sua compreensão enfoca a liberdade na esfera pessoal, social, econômica e política. Nesta perspectiva, apesar das limitações estruturais dos países em desenvolvimento, as TICs podem ser meios úteis em processos de empoderamento, especialmente por ser um meio de escolha por excelência. Com essa premissa, identifica empoderamento como as alternativas possíveis realizadas por um indivíduo ou grupo de indivíduos em suas vidas que promovam as suas plenas capacidades humanas.

Constatamos que apesar dos avanços das TICs no mundo contemporâneo, observamos que as mulheres (CETIC, 2017), estão em desvantagem no seu uso, apropriação, e os impactos das TICs para as suas vidas ainda são limitados e precisam ser mais conhecidos.

Um outro aspecto relevante para este estudo diz respeito à diferença conceitual entre uso e apropriação. O uso se refere ao emprego dessas tecnologias no dia a dia, tais como o celular, o tablet, o computador, a internet, permitindo a comunicação e a troca de informações. Contudo, as apropriações referem-se ao maior domínio dessas tecnologias, ou seja, relacionam-se ao processo de sua utilização para além da troca de informação, para a qualificação dos processos de gestão, de controle da propriedade, para ampliação da interação e empoderamento das mulheres.

Assim, este artigo tem como o objetivo geral entender, como práticas mediadas pelas TICs promovem empoderamento das mulheres?

Neste primeiro item apresentamos o tema do artigo. No segundo apresentamos um breve o referencial teórico sobre TICs, empoderamento e a questão da mulher com algumas questões chave de investigação que foram elaborados. No item três segue a metodologia utilizada. No quatro, a análise dos resultados da pesquisa. Para terminar, apresentamos nossas considerações finais e contribuição teórica.

2 Referencial Teórico

Para entender o objeto de pesquisa deste artigo, nos apoiamos em um conjunto de proposições teóricas elaboradas nos estudos sobre TICs e Desenvolvimento (ICT4D). A seguir desenvolvemos algumas reflexões com base nos autores escolhidos e sua relação com o tema do artigo.

As transformações sociais, econômicas e tecnológicas ocorrem, a cada dia, num ritmo mais acelerado. Ao longo dos anos, o avanço das Tecnologias da Informação e Comunicações (TICs), provocaram inúmeras mudanças na sociedade, incidindo de maneira intensa nas comunicações e relações humanas. Alterando, portanto, a vida em sociedade e inclusive a dinâmica nos ambientes pessoal e organizacional do mundo inteiro.

Druker (2000), afirma que além da globalização e das TICs, tendências influenciam o mundo dos negócios. A era do conhecimento, o triunfo do consumidor, comércio eletrônico, e a alta concorrência indicam para as organizações um novo modelo de negociar, como parte da economia digital.

Avegerou (2010) afirma que investigação sobre o potencial de desenvolvimento e o impacto das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) é um campo multidisciplinar. As disciplinas de contribuição incluem Sistemas de Informação (IS) (Walsham et al., 2007),



Human Computer Interaction (HCI) (Dearden 2008) Mansell 2002) e, em menor grau, Estudos do Desenvolvimento (Wade, 2002).

Invariavelmente, os estudos sobre TIC e Desenvolvimento (ICTD) baseiam-se na premissa de que as TIC podem contribuir para a melhoria das condições socioeconômicas nos países em desenvolvimento (Mann, 2004; Sahals, 2001; Walsham et al., 2007). Todos aspiram à realização de percepções de ordens mundiais desejáveis, como a teoria das capacidades de Sen (Kleine, 2009; Madon, 2004; Zheng, 2009) ou a visão do Objetivo do Milênio das Nações Unidas de erradicar a pobreza (Gilhooly 2005). Contudo, o mais frequentemente possível, o potencial de desenvolvimento das TIC é um pressuposto implícito e assumido para determinados objetivos de investigação, que vão desde a construção de aplicações tecnológicas adequadas para os países em desenvolvimento através da facilitação da disseminação das tecnologias. (Kraemer et al., 2009), compreende possibilitar mudanças institucionais necessárias para que uma comunidade desenvolva o potencial das TICs (Ma et al., 2005). Mas mesmo que não explicitamente cada estudo da ICTD faz suposições específicas sobre a forma como a inovação acontece no contexto dos países em desenvolvimento e sobre o significado e a natureza do processo de desenvolvimento a que essa inovação se destina a contribuir.

O tema do empreendedorismo feminino bem como o uso das TICs tem sido discutido sob diversos pontos de vista. Os estudos sobre o seu uso e seus impactos sociais, econômicos e políticos, portanto sobre um enfoque multifuncional e além dos muros das organizações tem se consolidando como uma área de produção científica no campo de Sistemas da Informação (SI). Corroborando essa compreensão, a preocupação da relação entre TIC e desenvolvimento (DINIZ, POZZEBON, 2012) bem como a democratização das informações no âmbito dos governos nos seus diversos níveis além da sua dimensão inovadora é tema de alta relevância pelo seu uso, impacto, contexto, conteúdo e meios de disseminação (AVGERROU, POZZEBON, 2009).

Do ponto de vista da gestão, com vistas a melhorar seu processo de desenvolvimento, os indivíduos, grupos sociais, organizações, governos, desenvolvem ações inovadoras no que se refere às TICs, ao distinguir-se da concorrência ou somando esforços na solução de problemas, trabalhando seus processos produtos e serviços de forma otimizada etc. Pesquisadores como Brito, Morganti e Brito (2009)) afirmam que a inovação ocupa um papel de destaque na busca da competitividade das empresas. Nessa mesma linha, Porter (1996) afirma que uma empresa só poderá obter melhores resultados do que os seus concorrentes se conseguir criar um fator diferenciador que se mantenha ao longo do tempo, sendo o principal instrumento de criação dessa vantagem competitiva a inovação ou os atos de inovação.

A partir de uma visão pluralista e multidimensional, um primeiro estudo identificado realizado por Pozzebon (2015) observa como uma nova tecnologia (software) inovou o cotidiano do trabalho e a vida de um grupo de mulheres na Austrália, permitindo que novas estruturas sociais surgissem. Apesar da desigualdade de gênero decorrente de uma construção sociocultural, elas mostraram-se como agentes atuantes na gestão dos negócios familiares e conquistaram autoconfiança com o envolvimento em redes de relacionamento e na aquisição de aptidões e habilidades tecnológicas. Assim, elas não apenas aprenderam apenas a usa-las como também foram ganhando condições para modificar a sua utilização de acordo com seus próprios objetivos.

Além disso, Mayoux (2005), ao relatar uma experiência e discutir programas de micro finanças e analisar a questão das mulheres, demonstra como os programas tem significativo potencial para contribuir nas dimensões econômica, social e política, não apenas através provisão de recursos financeiros, mas também pela capacidade de reunir através de grupos organizados uma diversidade de serviços não financeiros inovadores, de baixo custo, alto impacto e que atinge a base da pirâmide social trabalhados por elas. Entretanto, apesar dos



problemas, podem ser superados mediante treinamentos, cursos, oficinas, para discutir a discriminação de gênero, classe e etnia no acesso ao serviço de micro finanças, e a inclusão das mais pobres.

Apesar de ser um aspecto marcante em nossa cultura, essa situação vem sofrendo, ao longo dos anos, uma série de mudanças, decorrentes principalmente dos avanços das conquistas femininas relativas à inserção da mulher em espaços considerados “masculinos”. Essas conquistas permitem à mulher, categoria submetida a processos de exclusão pelo grupo dominante masculino, ferramentas para se empoderarem e conseguirem lutar por maior autonomia.

Articulando a discussão com a questão de gênero Cortez e Souza (2008) corrobora a afirmação ao apontar que a ausência de uma estrutura que ofereça à mulher e ao homem o espaço para discussões e reelaborações de suas concepções e relações de gênero fragiliza os movimentos femininos individuais e possibilita uma reação dos homens que, excluídos e desinteressados das discussões acerca do empoderamento feminino, tendem a compreender esse processo como “desempoderamento masculino” ou perda da posição de dominação legitimada pelo patriarcado (León, 2001). Nesses termos, compreendemos a reação violenta do marido como uma tentativa de reaver/manter o controle sobre sua esposa e, assim, resistir à transição de gênero (Dantas-Berger & Giffi n, 2005).

O acesso e uso do poder pelas mulheres representam, assim, um desafio às relações patriarcais, principalmente no ambiente familiar, uma vez que desafi am o poder do homem e ameaçam seus privilégios, sinalizando a possibilidade de mudança na relação de dominação dos homens sobre as mulheres. Potanto, essa alteração proporciona às mulheres a autonomia sobre seus corpos, sua sexualidade e seu direito de ir e vir e também o repúdio ao abuso físico, à impunidade e às decisões unilaterais masculinas.

Reforçando o argumento, para Comfort (2011), a desigualdade de gênero se reflete também no acesso a telefones celulares, sua posse e uso. Destacamos a situação na Nigéria, onde em estudo se identifica os desafios e benefícios decorrentes da utilização telefones celulares para as mulheres rurais no norte da Nigéria. Esta abordagem nos forneceu uma visão sobre como a falta de acesso influenciaram a comunicação feminina, as que vivem em áreas rurais são particularmente desfavorecidas no mundo digital, porque eles enfrentam uma série de obstáculos relacionados a gênero, infraestrutura, custos e localização geográfica.

Esta pesquisa se articula com as teorias feministas acerca da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), principalmente as que criticam o androcentrismo e o etnocentrismo desta área e que consideram como mutuamente conformadoras as relações entre gênero, tecnologia e sociedade. Portanto, o feminismo na tecnologia leva em conta não apenas as implicações de gênero na tecnologia, mas busca compreender seus efeitos em toda a cadeia de planejamento, produção, consumo e apropriação tecnológica (ALEMANY, 1999; GARCÍA, 1999; HARAWAY, 1995, 2004; HARDING, 1993; MAFFÍA, 2007; NATANSOHN & WOLFART, 2013; OLIVEIRA, 2008; PORTOLÉS, 1999; SARDENBERG, 2002; SCAVONE, 2008; SEDEÑO, 1999; WAJCMAN, 2006).

Paz (2015) observa que a crítica feminista às TICs não se refere apenas ao fato da tecnologia ser planejada e desenvolvida, em sua maioria, por homens, mas também por ter nela incorporada estereótipos negativos e por ajudar a reforçá-los. Sendo assim, a associação entre masculinidade e tecnologia é constantemente reproduzida no cotidiano e a tecnologia ajuda na constituição das identidades e das relações de gênero. Dessa forma, a capacidade tecnológica dos homens se torna tanto um fim quanto um meio para sustentar a sua hegemonia na área tecnológica. Visto que a tecnologia também é um produto cultural, é importante redefinir a relação gênero-tecnologia em prol de um progresso científico-tecnológico não excludente.



Em decorrência da associação de masculinidade à tecnologia, o campo das TICs também apresenta uma brecha (lacuna ou divisão) digital de gênero. Tal fenômeno não apenas se apresenta em termos de diferenças de usos, mas também no que tange a tomada de decisão e a produção destas tecnologias. É sobre esta brecha digital que se concentram as novas versões do ciberfeminismo contemporâneos (BROPHY, 2010; HACHÉ et al., 2011; HAWTHORNE & KLEIN, 1999; MIGUEL & BOIX, 2013; NATANSOHN, 2014; ROCHA et al., 2013; SERRANO & BIGLIA, 2011).

Por outro lado, por diversos fatores desde a concepção até a sua gestão, elas também podem atuar ao contrário, aprofundando desigualdades, principalmente entre os mais pobres. Além disso, Diniz (2011) em artigo evidencia como o acesso a serviços bancários podem ser inovadores, contribuir positivamente, mas ao mesmo tempo, mostra sinais negativos claros, como o endividamento da população de baixa renda, a reprodução de práticas de exclusão social e o reforço das assimetrias de poder.

Uma forma de mitigar tal problema é a sua implantação ser acompanhada de outras ações estratégicas que melhorem a eficiência dos projetos desenvolvidos e os seus resultados. Com essas premissas, este artigo relaciona os conceitos de desenvolvimento, TICs e empoderamento com a questão das mulheres.

3 Metodologia

Para a seleção de artigos acadêmicos utilizamos as bases de dados do Google Scholar, Scielo, biblioteca da FGV, Spell e Portal de Periódicos Capes, por serem referência e abrangerem produções nacionais e internacionais. Usamos como critério para a busca dos textos as palavras chaves: tic, empoderamento e mulheres. Escolhemos este método, por se tratar de um esforço de compreensão do modo como o tema é investigado e significado por pesquisadores com artigos acadêmicos já publicados.

No período de março a abril de 2017, após leitura e análise dos resumos de 60 artigos, o processo de seleção resultou numa amostra de 47 artigos reunidos a partir de estudos relativos ao tema.

Além disso, buscamos identificar os casos apresentados com base em pesquisa empírica como exemplo de práticas mediadas pelas TICs e adotamos este critério, pois podem em primeiro lugar trazer conceitos teóricos para compreensão do papel das TICs, desse modo relacionando-as com o desenvolvimento e meios facilitadores do empoderamento, sobretudo das mulheres.

Esses artigos foram lidos na íntegra e submetidos a uma análise de pertinência e sua relação com o tema de interesse. Foram selecionados estudos qualitativos (estudos de caso, pesquisas, relatórios, websites e blogs) e teóricos (revisões de literatura, estudos descritivos, ensaios teóricos). Eles foram organizados em duas tabelas.

Coletamos os agentes e os impactos das TICs em cada texto, os principais resultados de cada estudo. Os resultados da análise são a seguir apresentados com base nos artigos encontrados sobre o tema da revisão de literatura.

4 Análise dos resultados

Este artigo apresenta uma revisão bibliográfica a respeito das práticas de empoderamento feminino, em seguida apresentamos a compilação dos conceitos resultantes da revisão de literatura (Quadro 1). Reunimos os conceitos para demonstrar a diversidade encontrada.

O tema é discutido no campo teórico desde a década de 60/70 e surge no bojo dos movimentos sociais pela igualdade dos direitos civis. Entre a multiplicidade de conceitos e significados, os debates variam pelas diversas dimensões de análise como a psicológica, de gênero, política, econômica e social.



Como resultado de pesquisa em artigos, segue uma breve apresentação dos debates que fundamentam o conceito de empoderamento.

Conceito	Autores
Estratégia conquistada por mulheres do Terceiro Mundo para mudar as próprias vidas, ao mesmo tempo em que isto gera um processo de transformação social.	Terceira Conferência da ONU sobre a Mulher, em Nairobi, no ano de 1985
Marco histórico para o movimento feminista, uma vez que passou a atribuir aos governantes a responsabilidade pela desigualdade de gênero. Nessa conferência, apontaram-se duas estratégias para o empoderamento da mulher e o alcance da democracia de gênero: a equidade de gênero em todas as áreas de políticas públicas e a inclusão das mulheres como protagonistas conscientes na transformação das desigualdades existentes no acesso aos recursos, à tomada de decisão e ao controle sobre os resultados.	Beijing, em 1995, a IV Conferência Mundial das Mulheres
Refere-se ao termo empoderamento como o mais maleável, aquele que apresentou maiores mudanças de significado nas últimas três décadas do século XX no contexto do desenvolvimento, e ao seu esvaziamento por uso generalizado e não muito cuidado. Segundo a autora, os discursos de desenvolvimento alternativo dos anos 1970 viam empoderamento como o processo através do qual as pessoas se envolviam ativamente na luta para aumento de controle sobre recursos e instituições	Cornwall (2000)
A palavra empoderamento tem origem no termo da língua inglesa empowerment e seu uso tem sido ampliado para o espanhol empoderamiento e para o português autonomização ou empoderamento, um neologismo Empoderar é um verbo que conota ação e poder. O indivíduo associado a essa ação torna-se agente ativo nos processos que envolvem o estabelecimento de vínculos com outros indivíduos	Martins (2003)
Fortalecer ou empoderar se refere a permitir que a pessoa assuma o comando de sua própria vida. No caso das mulheres, o empoderamento insiste na importância de aumentar seu poder e controle sobre as decisões e problemáticas que determinam a sua vida. O empoderamento da mulher se refere ao poder e às relações dentro da sociedade que se entrecruzam com o gênero, a classe social, a raça, a cultura e a história. O poder está identificado com a equidade e a igualdade da mulher e do homem, no que se refere ao acesso aos recursos e vantagens.	Prá, (2006).
O conceito de empoderamento tornou-se central nos discursos como sinônimo da participação e integração de homens e mulheres, no planejamento e desenvolvimento interativo e compartilhado, pelas quais poderiam ser reconhecidas as habilidades e conhecimentos pessoais.	Lisboa, (2007)
O autor compreende o termo como empoderamento de classe social: "Indica um processo político de classes dominadas que buscam a própria liberdade da dominação"	Freire e Shor (2011)
O empoderamento implica, pois, no reconhecimento das restrições sociais a que a categoria está submetida e da necessidade de reversão dessa situação, por meio de mudanças em um contexto amplo/público (inserção em cargos de poder/decisão, educação não sexista e serviços de saúde adequados) e também em contextos mais específicos, ou individuais (aumento de auto-estima e autonomia, reorganização do trabalho doméstico, etc).	Léon (2001)

Quadro 1 - Conceitos de empoderamento

Por expressão de empoderamento de fato existe uma diversidade de conceitos e significados. De uma maneira geral, os conceitos encontrados (Quadro 1) definem uma compreensão que envolve processos como por exemplo o desenvolvimento da capacidade



individual, cidadania, participação e integração, equidade de gênero nas políticas públicas e a sua inclusão como protagonistas, processo de alcance de bem-estar, autonomia, participação ativa, luta por emancipação, participação política e forma de resistência e processo de participação política e disputa ideológica contra formas de dominação e machismo, autoritarismo e patriarcalismo.

A dimensão de empoderamento avizinha-se como relevante quando da discussão de gênero. Romano (2002) discute com propriedade afirma que a discussão sobre o conceito é complexa e multifacetada:

“é uma dentre as categorias e/ou abordagens como, por exemplo, participação, descentralização, capital social, abordagem de direitos (rights-based approach), que de forma explícita ou implícita está inserida no debate ideológico em torno do desenvolvimento. Este debate tem sido polarizado nos últimos tempos entre os defensores de uma globalização regida pelo mercado (ou, dito de outra forma, pelo Império, pelo Consenso de Washington, pelo neoliberalismo) e os críticos que defendem que a construção de um outro mundo é possível”.

De acordo com Kleine (2009), uma das tentativas mais interessantes de operacionalizar as ideias de Sen é oferecida por Alsop (2005) escrevendo para o Banco Mundial, ele vincula escolha com sua definição de empoderamento e conceitua empowerment como melhorar a capacidade de um indivíduo ou grupo para fazer escolhas eficazes e traduzir essas escolhas em ações e resultados desejados.

Achamos especialmente interessante o conceito de Kleine (2009) a partir das ideias de Sen (2000), a autora conecta a fundamentação teórica ao uso das TICs, pois elas permitem o crescimento do poder dos indivíduos e comunidades, quando se observa o aumento da capacidade dos indivíduos ou grupos desfavorecidos de fazer escolhas e do seu poder de transformar essas em ações e resultados desejados. Portanto, julgamos importante elencar as experiências das diversas manifestações de empoderamento mediante o uso das TICs.

Sabemos que nem todas as iniciativas de TICs são bem-sucedidas, contudo procuramos fazer um resumo de boas práticas extraído de experiências de sucesso apresentadas pelos artigos selecionados. A internet tem possibilitado a liberdade de expressão de opiniões apesar do controle de grandes grupos.

Neste sentido, a discussão em torno da inovação é tema de grande relevância na atualidade. A busca contínua por inovação é instrumento que proporciona às mulheres organizarem suas atividades e aumentarem a sua produtividade, atualizando-se à dinâmica do mercado, proporcionando às mesmas, diferenciação frente às concorrentes. Trata-se de um processo que ao mesmo tempo é sistemático, composto de riscos e desafios assumidos na busca por resultados positivos, seja pelo investimento em pesquisa, desenvolvimento e capacitação dos profissionais, pela redução de gastos com produção ou processos, aumento do faturamento ou alcance de um novo mercado. Portanto, se uma mulher empreendedora se propõe a inovar, estratégias anteriores são necessárias à sua implantação. A inovação decorre: do processo de evolução tecnológica; das necessidades dos clientes; da intensidade da competição no segmento; e da aplicação do conhecimento existente para a produção de novo conhecimento. Para tanto, demanda empenho sistemático e organizado para ser obtida. LOPES DA SILVA & TORRES (2015).

Para elaborar o Quadro 2, levamos em consideração a sugestão de Heeks (2008). O autor observa que devemos ir além da chamada inesgotável para os profissionais e decisores políticos incorporarem a avaliação de seu impacto como parte da boa prática. Primeiro, identificar a necessidade de abordar questões motivacionais e estruturais em torno dos grupos contextualizados e verificar a avaliação de impacto das suas práticas. Em segundo lugar, apelar aos decisores políticos para que estejam mais conscientes do potencial de transformação das TIC no desenvolvimento.



No Quadro 2, tratamos principalmente de processos contextualizados envolvendo agregados de ações apresentados na revisão de literatura. As práticas foram organizadas com base em autores, grupos pesquisados no estudo e apresentação dos impactos registrados pelos autores.

Grupo social	Conteúdo /impacto	Referencia
Mulheres Rurais na Espanha	Projeto visa facilitar o acesso e conhecimento de novas tecnologias de informação e conhecimento através da alfabetização digital e formação profissional especializada.	Muñoz-Muñoz et al (2004)
Mulheres frequentadoras dos telecentro da cidade de Porto Alegre (RS)	A partir de um telecentro, resultou em mudanças na sua consciência de cidadã como detentora de direitos e assim tornando-as mais capacitadas a reagir a preconceitos em qualquer forma de violência, como ser mais ativa politicamente. Seguindo a lógica de que “informação é poder”	Negrão, Viscarra (2007)
Mulheres artesãs egípcias	A pesquisa analisa o potencial para as artesãs egípcias através das TICs melhorar seus ganhos. A pesquisa mostra que, embora as TIC pudessem ser um instrumento útil para comercializar os produtos, há vários desafios estruturais para a negociação através de pontos de acesso como sites para o mercado internacional. Embora as vendas online de artesanato sejam possíveis, a utilização das TIC com a artesã média não é viável no Egito	Hassanim (2008)
Mulheres gerentes da área de TI em empresas situadas na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais	Os resultados revelaram que algumas gerentes expressam sinais mais visíveis de empoderamento. Esses sinais se expressam na conscientização e construção de uma identidade social por essas mulheres, mediante a motivação e mobilização de suas potencialidades para ocupar um cargo gerencial.	Sousa, Melo (2009)
Mulheres participantes de cooperativa de costureiras	O estudo mostra como a inclusão digital mostrou-se capaz de gerar o empoderamento necessário para se obter maior participação das mulheres em seu trabalho e para o desenvolvimento da cooperativa como um todo.	Wolf et al (2010)
Mulheres artesãs do Alto do Moura	O projeto de extensão oferece oportunidades de empoderamento às mulheres artesãs. Um modo observado foi a possibilidade de divulgar seus produtos junto aos consumidores mediante facebook e whatsapp, ganhando maior visibilidade, assim, atraindo e mantendo maiores consumidores e clientes	Lopes da Silva (2011)
Grupo de mulheres realizada texto que consistiu na avaliação, pelas mulheres, dos cuidados recebidos durante a internação para o parto e nascimento nas maternidades o teste foi disponibilizado online simultaneamente em mais de setenta blogs, num esforço conhecido por Blogagem Coletiva, quando diferentes blogs e sites participam de uma ação coordenada a fim de ampliar seu poder de alcance.	Embora realizado de maneira informal, o teste foi utilizado para estimular a discussão sobre a violência obstétrica junto às mulheres e a diferentes setores da promoção e atenção à saúde da mulher, e revelou resultados muito semelhantes aos que as pesquisas vêm mostrando sobre a qualidade da assistência ao parto no Brasil: Os resultados desta ação informal, chocantes pelo que revelavam, chamaram a atenção da mídia tradicional, que, por meio de matérias em rádios, revistas e televisão, sensibilizou a opinião pública para algo que o movimento pela humanização do parto e alguns setores acadêmicos já vinham discutindo intensamente: a violência obstétrica ação gerou resultados no campo das leis, políticas públicas e criação de rede	Sena, Tesser (2017)

Quadro 2 - TICs e práticas de empoderamento de mulheres



Respondendo a primeira pergunta que orientou nossa pesquisa, quais são as práticas mediadas pelas TICs que promovem empoderamento, observamos a partir dos estudos identificamos mulheres organizadas participando ativamente de discussões em sites, blogs, ou em grupos sociais, instituições, telecentros, ong, movimentos sociais, cooperativas, projetos de extensão universitária, que desenvolveram ações com resultados positivos para o seu empoderamento., movimentos criados por meio da internet, sem apoio do governo ou Estado. Contatou-se temas de interesse pessoal e social. Esse movimento de mulheres usando as TICs vem se fortalecendo com a internet. Elas também buscam informações na rede, no *instagram*, *google*, *facebook* e *youtube*.

No que se refere ao empreendedorismo as TICs oferecem acesso a mercados mais amplos e maior retenção de lucro, no entanto, existem lacunas no acesso, bem como no design dos produtos, produção e qualidade dos produtos que determinam a competitividade e têm um impacto sobre as vendas e a comercialização.

Existem lacunas que merecem ser pesquisadas que envolvem a alfabetização, as competências linguísticas, o know-how técnico, o conhecimento da web, os aspectos regulatórios e legais do comércio de exportação, o controle de qualidade, os requisitos de transporte e a disponibilidade do comércio eletrônico. A Internet tem sido um recurso para as mulheres, no entanto entre as usuárias, várias eram anteriormente analfabetas digitais e, em seguida, aumentaram a sua educação, incluindo computador, e habilidades na Internet, mudando sua forma de trabalhar.

Nesse contexto, torna-se interessante o estudo e adoção de ferramentas estratégicas no ambiente das redes sociais digitais, pelas mulheres. Visando investimento no seu desenvolvimento profissional e pessoal, e direcionamento adequado de recursos financeiro e de tempo. Auxiliando às micro e pequenas empreendedoras na geração e gestão de negócios, através uso do facebook como uma ferramenta estratégica e marketing digital. Dessa forma, favorecendo o empoderamento feminino, frente às questões sociais e econômicas, as quais transpõem barreiras e independem de ambientes organizacionais.

Como fenômeno da era digital, as redes sociais online, tornam-se importantes canais de relacionamento entre empresas e consumidores, devido a grande proporção que ganharam na última década. As redes virtuais representam tanto para grandes empresas, quanto para pequenos comerciantes, um ambiente propício para aproximação com clientes e aumento das vendas. Assim, como a comunicação com os diferentes públicos segundo Porto (2014) é importante para uma empresa global. Para as mulheres, pequenas empreendedoras, a possibilidade de direcionamento de comunicação é um dos diferenciais mais importantes, e pode ser encontrado no facebook.

As redes sociais on-line podem auxiliar o fortalecimento da marca, da imagem e na conquista de mais clientes, e as empresas já perceberam isso. No entanto, não basta estar onde os clientes estão. Saber como utilizá-las adequadamente é um desafio para muitas. Elas trouxeram novas oportunidades para as mulheres empreendedoras, contudo, desafios também foram lançados. Elas estão passando por um processo de adaptação e de aprendizado para perceberem a melhor maneira para trabalhar com elas. A falta de profissionalismo, bem como negligência na gestão do perfil empresarial, podem gerar problemas que afetam a percepção de valor pelo cliente e prejudicar na atração, captação e retenção destes pela empresa.

Os fatores que explicam esse crescimento da participação das mulheres no mercado de trabalho e empreendedorismo são diversos, desde a redução do valor do trabalho do homem, o aumento do nível de escolaridade às mudanças ocorridas na estrutura dos lares, diminuindo a quantidade de filhos, e a mudança de valores no papel da mulher diante da sociedade brasileira. Apesar disso, esse crescimento participativo não foi seguido pela redução das desigualdades de gênero, no campo profissional e em relação à renda (GEM, 2007). No



Brasil, a atividade empreendedora está equilibrada entre homens e mulheres, as diferenças são pequenas quanto à proporção da participação no ano de 2009 (GEM, 2009).

Em relação às características empreendedoras, entre homens e mulheres, elas são semelhantes, embora as empreendedoras apresentem motivações, outras habilidades gerenciais e a carreira profissional diferenciada. (HISRIC, PETERS E SHEPHERD 2009).

Nesse mesmo sentido, houve um aumento da presença feminina em negócios menores, familiares e como profissionais que exercem atividades liberais. Nas últimas três décadas Filion tem pesquisado o empreendedorismo e observou uma progressão feminina como líderes e destaca algumas de suas características mais marcantes (GEM, 2010).

Elas têm melhor conhecimento do mercado; apresentam maior estabilidade; São mais bem preparadas (elas tendem a fazer suas lições de casa); progredem mais lentamente (mulheres tomam conta da família); planejam melhor; quando iniciam seus negócios acreditam em menor proporção do que os homens de que tem a competência necessária para ter sucesso; parecem ter uma integração maior entre suas atividades pessoais e profissionais; 25% das mulheres acreditam que são tratadas diferentemente pelas instituições financeiras por serem mulheres (GEM, 2010, p. 79).

Os dados evidenciam que o empreendedorismo vem se destacando ao longo dos anos, em especial, a participação das mulheres nesse tipo de atividade aumenta gradativamente. Há uma estimativa de que 40 milhões de brasileiros realizem esse tipo de atividade. Houve um aumento do empreendedorismo por oportunidade e pela primeira vez a proporção de mulheres empreendedoras é maior (52,2%), quando comparada aos homens (47,8%). Segundo essa pesquisa, o empreendedorismo é considerado como opção de carreira por mais de 80% dessas pessoas (GEM, 2013).

Neste mesmo sentido, de acordo com Amorim e Batista (2010), o empreendedorismo feminino tem grande relevância para a sociedade, pois cria emprego para elas e para as outras pessoas, assim, contribui com a economia. Em virtude do seu comportamento, administra uma dupla jornada com autonomia, antes julgado como improvável. “No mundo dos negócios as pesquisas mostram que as brasileiras estão entre as mais empreendedoras do mundo. Milhões de mulheres pilotam suas próprias empresas no Brasil de hoje” (GEM, 2010, p. 77).

O papel feminino, diante da sociedade, ganha uma nova visão e adquire novos contrastes ao longo dos anos, a mulher deixa de ser apenas dona de casa para se tornar provedora do lar, com um aumento da sua participação e atuação em diversas áreas na sociedade, por razões diversas (VIEIRA, 2014).

As mudanças estruturais, econômicas e sociais que transformaram a sociedade foram refletidas nas relações de trabalho. Com o aumento do desemprego, nos trabalhos formais, consequentemente foram necessárias novas estratégias e busca por oportunidades no intuito de gerar renda, com o novo papel feminino a mulher passa a fazer parte da economia e dessas mudanças em razão de atividades empreendedoras (CARVALHO, 2013).

Em relação aos impactos, as TICs mediam e podem contribuir para a melhoria das condições econômicas nos países em desenvolvimento, de modo especial com o trabalho das mulheres, possibilita atividades empreendedoras, muda o cotidiano nas relações familiares. Nesse sentido devemos buscar entender no âmbito familiar como favorece a proximidade com os filhos, a troca de informações entre os parentes mais próximos que fortaleça os laços familiares.

Outro aspecto importante é que as ações, quando realizadas com a comunidade e a partir das suas necessidades, promovem o seu desenvolvimento, desde que com a elaboração de diversos projetos e instrumentos que fortalecem as relações sociais entre os cidadãos. Os tele centros são espaços que facilitam a apropriação por que oferecem porque oferecem infraestrutura e profissionais, oferecem relações mais personalizadas. A maturidade do



indivíduo e a transmissão do conhecimento são essenciais para as mulheres definirem sua relação com internet, vislumbrarem novas oportunidades de desenvolvimento e escolha.

Sabemos que a violência atinge diretamente as mulheres, assim muitas recorrem à internet para procurar ajuda para sair da situação de violência, isso faz com que impulse a comunicação informal, a criação de redes porque são elas que necessitam diretamente, elas sofrem a violência. O uso de aplicativos como whatsapp e facebook favorece a denúncia anônima, evita exposição da mulher na delegacia, reduz custos e mantém a proximidade com os filhos. Na falta de políticas públicas para mulheres vítimas da violência em uma comunidade, elas criam redes de solidariedade e apoio entre si utilizando o aplicativo. Outro caso, que evidência empoderamento.

Consideramos que as postagens, os debates e os textos postados nos sites e blogs são importantes meios de comunicação bem como de identificação entre outras que também sofrem com a violência. A apresentação de conteúdos numa linguagem coloquial e menos acadêmica, os vídeos e documentários são elaborados numa linguagem mais acessível. Essa ação permite uma identificação e maior esclarecimento das situações que estão vivendo.

Para discutir, os resultados obtidos na revisão de literatura também utilizamos o texto de Kleine (2010) fiel à afirmação de Sen, de que a escolha é o objetivo e o principal meio de desenvolvimento, para a autora o resultado primário do desenvolvimento é a própria escolha.

Os resultados do desenvolvimento dependem das condições econômicas, mas também da escolha do indivíduo quanto ao que nas suas vidas eles valorizam. Estes podem incluir, por exemplo, comunicação mais fácil, conhecimento aumentado, mais renda ou tempo conservado. As TICs podem ser instrumentos úteis para alcançar estes resultados.

Para a autora, os fatores estruturais estão em uma relação complexa com a carteira de recursos que um indivíduo, grupo, possui. Por exemplo, com a ajuda de recursos sociais, um indivíduo pode ter acesso à internet (na casa de um vizinho), o que pode levar a um contato frequente por e-mail com um membro da família distante, aumentando assim as oportunidades de vizinho e parente distante, aumentando potencialmente os recursos sociais. Da mesma forma, uma pessoa com maiores recursos educacional (habilidades e educação) e informações pode achar mais fácil usar as facilidades de acesso existentes para aprimorar suas habilidades e obter informações. A interface entre a estrutura de oportunidade e a agência individual inclui, portanto, uma série de processos recíprocos e cumulativos.

Ao constituir redes, como algumas identificadas nos artigos, as mulheres, fortalecem seu capital social, a pertença a esses grupos pode ser definida por parentesco, amizade, etnia compartilhada ou classe, amizade ou comunhão informal e laços de proximidade. Assim contribuindo para a disseminação e mediação de conteúdos para soluções de problemas que impactam comunidades pobres de países em desenvolvimento. Corroborando a ideia, afirma Coelho (2014), que o uso das TICs, é marcada por um paradoxo pois são consideradas, por uns, como invenções que mudam a maneira como conduzem suas vidas e, por outros, como alargamento das relações de poder e dominação. Paradoxalmente as TICs tanto podem contribuir com a exclusão ou manutenção de relações de opressão e dominação ou por outro lado alavancar a emancipação das mesmas no que se refere ao seu trabalho, renda, qualidade de vida, relações familiares e sociais, autonomia, acesso a informações, novas crenças e valores, formação de redes e conexões com outros grupos, consumo, processos, comercialização, causas sociais, entre outros.

Um grande desafio feminino é o equilíbrio entre a atividade profissional e as tarefas domésticas, pois são tarefas diferentes, uma pública e a outra privada, que afetam uma a outra. O trabalho é necessário para obter renda e satisfazer as necessidades pessoais e familiares, no entanto, paralelamente cuidar da casa, dos filhos e das atividades não remuneradas do lar. Como o tempo é escasso, há uma tensão permanente que afeta as mulheres, que mesmo trabalhando fora do lar são responsáveis por eles. É uma realidade que coloca a mulher em



desvantagem, quando comparadas ao sexo masculino diante do mercado de trabalho, com efeitos no que se refere à igualdade entre homens e mulheres e a situação de pobreza (OIT, 2011).

Seguindo essa direção, em relação ao conflito trabalho-família, existe concordância entre os autores. Concordam no que se referem às escolhas praticadas pelas mulheres no gerenciamento da atividade que exerce e da família por sofrerem pressão especialmente na divisão do tempo entre essas funções, assim, as extensas horas de trabalho são consideradas estressantes e o principal fator conflitante. Em razão da maior participação feminina no mercado de trabalho, seja como empregada ou dona do próprio negócio, os impactos são causados na ordem existente com a mulher, tornando o conflito inevitável (STROBINO E TEIXEIRA, 2014).

Também procuramos investigar tipos de recursos promovidos pelas TICs identificando por tais como - recursos materiais, financeiros, naturais, geográficos, psicológicos, culturais, sociais e educacionais (educação e habilidades); saúde; e informação pois representam uma tentativa de mapear holisticamente aspectos do elemento de agência do quadro sistêmico. Assim, destacamos:

Com relação aos recursos materiais, estes resumem os objetos materiais de propriedade, tais como maquinaria, hardware de computador e outros equipamentos. Eles também são insumos essenciais no processo de produção. Na revisão de literatura, as TICs identificadas que são usadas como meios que promovem o empoderamento são celulares, tablet, celular, computador, web, facebook, blogs e site. De fato, existe uma presença cada vez maior de celulares – smartphones.

Além disso, os recursos financeiros: representam o capital financeiro em todas as suas formas (caixa, poupança, ações, etc.). A capacidade de obter crédito é uma combinação do carácter estrutural das regras bancárias e das garantias individuais. Do ponto de vista do empoderamento econômico, observamos também como estão frequentemente com menor retorno na cadeia de negociação. A pesquisa mostra as TICs como potencial para melhorarem seus ganhos diversos como empreendedoras. Sobretudo, mostra ser um instrumento útil para comercializar os produtos, mas há vários desafios estruturais para a negociação através de pontos de acesso como por exemplo a legislação, o acesso a sites para o mercado internacional.

Embora a venda online de sua produção seja possível, a sua utilização muitas vezes não é pelos custos que envolvem a manutenção de sites, blogs, acesso à internet. As evidências mostraram no caso do comércio de artesanato, a exportação é a melhor atitude, mas não é a solução. De fato, o mercado de artesanato é competitivo e geralmente elas não são equipadas e nem capacitadas para lidar com o negócio global de artesanato.

Kleine (2009) também se refere às informações. Alsop e Heinsohn (2005) listam os ativos informacionais como um recurso-chave. Heeks (1999) pede que a informação seja colocada no centro de análise das TICs e Desenvolvimento, e Gigler (2004) acrescenta "capital informacional" à carteira de capital. O acesso à informação é o primeiro passo para a aquisição do conhecimento, o processo de filtragem e transformação da informação em conhecimento significativo.

5- Considerações finais

Este artigo foi desenvolvido sob o interesse de investigar em artigos científicos e relatórios quais as contribuições das TICs que promovem empoderamento das mulheres.

As práticas apresentadas no texto revelam que o conceito de participação associado à ideia de que aparece mais evidentemente, pelo menos no discurso e nas práticas identificadas. Não pode existir dúvida de que isso significa um avanço. Porém, como explicitam os autores utilizados na revisão teórica, nem as TICs nem o empoderamento produzem por si próprios alterações nas relações de dominação e de gênero que atingem as mulheres. Certo é que uma



maior consciência social e organização são elementos imprescindíveis para mudanças radicais, porém não conduzem necessariamente a elas.

Por outro lado, foram identificadas nos textos questões sérias e críticas que impedem o seu empoderamento tais como: excesso de trabalho, individualismo, falta de conscientização, rigidez de papéis de gênero, ausência de participação no poder, desigualdade de renda, informalidade, dupla jornada, doenças, poucas políticas públicas, falta de capacitação, infraestrutura, participação e mobilização entre outras, cultura machista, violência doméstica, desigualdade de renda desigualdade de gênero decorrente de uma construção sociocultural, falta de capacitação e consciência política, entre outros.

Como questão emergente consideramos que a relação de proximidade, sobretudo entre mulheres, facilita a troca e conhecimento no uso, sobretudo entre as inseridas numa cultura tecnológica urbana e outras não. Achamos que essas relações aproximam as “que conhecem” das que “que não conhecem” as TICs, promovem o compartilhamento de conhecimento, habilidades, experiências, informações. Essas relações evidenciadas nos textos, é uma oportunidade de pesquisa, mas não são abordadas nos estudos investigados. Sugere-se o tema como estudos futuros.

Outra questão para estudo futuros, no que se refere às relações de gênero observamos casos em que os homens auxiliam (quando detentores desse conhecimento) as usarem as TICs. Esta também é uma interessante possibilidade de investigação. Existem também homens que não ensinam a utilizar as TICs e nem permitem que elas acessem seus celulares.

Na revisão de artigos, foram identificados alguns conceitos de empoderamento em trabalhos sobre o uso de TICs por mulheres. Esses conceitos servem de fundamentação ao estudo das práticas identificadas como por exemplo: organizadas usando sites, blogs, na internet. Elas buscam informações na rede, no google, facebook e youtube. Como limitação observamos que existe uma discussão incipiente, mas necessária em torno do tema e deles, como futuras pesquisas emergem oportunidades de investigação como as relações intersubjetivas na transmissão de habilidades tecnológicas, a retomada de discussão em torno dos telecentros como meio de capacitação para uso das TICs, a presença feminina na web e sua dinâmica nas relações de gênero.

REFERÊNCIAS

1. ALSOP R. and HEINSOHN N., Measuring Empowerment in Practice – Structuring Analysis and Framing Indicators, Washington D.C., World Bank, 2005.
2. AVGEROU, Chrisanthi (2010). Discourses on ICT and development Information Technologies and International Development, 6 (3). pp. 1-18. ISSN 1544-7529.
3. BRITO, E.P.Z.; BRITO,A.L.; MORGANTI,B.F. Inovação e Desempenho Empresarial: Lucro Ou Crescimento? **ERA eletrônica**, v. 8, n. 1, Art. 6, jan. /Jun. 2009.
4. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros [livro eletrônico] : TIC domicílios 2015 = Survey on the use of information and communication technologies in brazilian households : ICT households 2015 / **Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR** [editor]. -- São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016..
5. CARVALHO, G. C. Microcrédito e empreendedorismo em Recife: uma alternativa para a superação das desigualdades no mundo do trabalho. **NORUS - Revista da Universidade Federal de Pelotas**, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 39-50, jan/jun 2013.
6. CUNHA, MAVC. MIRANDA, P.R.M. O Uso de TIC pelos Governos: uma proposta de agenda de pesquisa a partir da produção acadêmica e da prática nacional. www.revistaoes.ufba.br. o&s - Salvador, v.20 - n.66, p. 543-566 - Julho/Setembro – 2013.



7. COELHO T. R. ICT4D: A inovação e o desempenho na perspectiva das capacidades de Sen. UFOR, 2015. Dissertação de Mestrado, UFPR, 2014. Disponível em: 20TAIANE%20RITTA%20COELHO.pdf? sequence=1 acesso em 10/03/2017.
8. CORNWALL, A. Beneficiary, consumer, citizen: perspectives on participation for poverty reduction. Sidastudies no.2, Sweden, 2000.
9. CORTEZ M. B. SOUZA L. Mulheres (in) subordinadas: o Empoderamento Feminino e suas Repercussões nas Ocorrências de Violência Conjugal. Psicologia: Teoria e Pesquisa 2008, Vol. 24 n. 2, pp. 171-180. Universidade Federal do Espírito Santo
10. COSTA, A. A. Gênero, poder e empoderamento das mulheres. A química das mulheres. Salvador, março 2004.
11. COMFORT, Kazanka et DADA John. L'utilisation des téléphones portables par les femmes des régions rurales pour communiquer: étude de cas dans le nord du Nigeria. In LES AFRICAINES ET LES TIC. Enquête sur les technologies, la question de genre et autonomisation. Dépôt légal 1er trimestre 2011. ISBN PUL: 978-2-7637-8881-4 ISBN CRDI: 978-1-55250-945-6.
12. DINIZ, E. H., Cernev, A. K., Gonzalez, L., & Albuquerque, J. P. (2013). Mobile payments in Brazil: How to make them happen. The European Financial Review June–July, 55-58.
13. DINIZ, E., et al. Triggers and barriers to financial inclusion: The use of ICT-based branchless banking in an Amazon county. Electron. Comm. Res. Appl.(2011), doi:10.1016/j.elerap.2011.07.006.
14. _____. Correspondentes bancários e microcrédito no Brasil: tecnologia bancária e ampliação dos serviços financeiros para a população de baixa renda. FGV. 2010.
15. DUNCOMBE R. and BOATENG R. Mobile Phones and Financial Services in Developing Countries: A Review of Concepts, Methods, Issues, Evidence and Future Research Directions: Third World Quarterly, Vol. 30, No. 7 (2009), pp. 1237-1258 . Published by: Taylor & Francis, Ltd. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/40388181>. Accessed: 17-03-2017 21:22 UTC. REFERENCES Linked references are available on JSTOR for this article: <http://www.jstor.org/stable/40388181?seq=1&cid=pdf->
16. DRUCKER, P, F. Inovação e espírito empreendedor: prática e princípios. 1a ed. São Paulo: Pioneira Thomson, 2008.
17. FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. Revista de Administração, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 05-28, abr/jun 1999.
18. Gigler, B.-S. (2004). Including the excluded—Can ICTs empower poor communities? Towards an alternative evaluation framework based on the capability approach, Paper presented at Fourth International Conference on the Capability Approach, Pavia, Italy (5–7 September
19. GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. Empreendedorismo no Brasil - 2004. Curitiba: IBQP, 2004.
Empreendedorismo no Brasil - 2007. Curitiba: IBQP, 2007.
Empreendedorismo no Brasil - 2009. Curitiba: IBQP, 2009.
Empreendedorismo no Brasil - 2010. Curitiba: IBQP, 2010.
Empreendedorismo no Brasil - 2013. Curitiba: IBQP, 2013.
Empreendedorismo no Brasil - 2014. Curitiba: IBQP, 2014.
20. HISRIC, R. D.; PETERS, M. P.; SHEPHERD, D. A. Empreendedorismo. Tradução de Teresa Cristina Felix de Sousa. 7ª. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.
21. HASSANIN, L. Egyptian women artisans: ICTs are not the entry to modern markets 179-190. in Social dimensions of information and communication technology policy.



- Proceedings of the Eighth International Conference on Human Choice and Computers (HCC8), IFIP TC9, Pretoria, South Africa, September 25-26, 2008.
22. HEEKS, R. Do information and communication technologies (ICTs) contribute to development? *Journal of International Development*, v. 22, n. 5, p. 625-640, 2010.
23. _____ ICT4D 2.0: The Nex Phase of Applying ICT for International Development *Computer* 41(6), 26-33. (2008). <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/jid.1716/full> acesso em 26/04/2017.
24. _____ Policy arena do information and communication technologies (icts) contribute to development? *Journal of International Development J. Int. Dev.* 22, 625-640 (2010). Published online in Wiley InterScience (www.interscience.wiley.com) DOI: 10.1002/jid.1716.
25. HOROCHOVSKI, R. R.; MEIRELLES, G. Problematizando o conceito de empoderamento. In: Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação E Democracia, 2., 2007, Florianópolis, SC. Anais... Florianópolis: UFSC, 2007.
26. KLEINE, D. Empowerment and the limts of the choice: Microentrepreneurs, information and comunication of the teconologies and estatate policies em Chile. Universidade of London, 2007.
27. _____ ICT4What? – Using the Choice Framework to operationalise the Capability Approach to Development. - *Journal of International Development*, 2010 - Wiley Online Library.
28. LEÓN, M. (2001). El empoderamiento de las mujeres: encuentro del primer y tercer mundos em los estudios de género. *La ventana*, (13), 94-106. Retirado em 03/07/2005 do site <http://publicaciones.cucsh.udg.mx/ppperiod/laventana/Ventana13/vetana13-4.pdf>
29. LOPES DA SILVA, F.C. POJETO DE Extensão para capacitação de artesãos do Alto do Moura. ENEXT 2011. UFPE, Recife 2011.
30. LISBOA, T. K. Empoderamento. In: Conferência Estadual Dos Direitos Da Mulher. 2007, Florianópolis, SC. Anais... Florianópolis, 2007.
31. MAYOUX, L. Women's empowerment through sustainable micro-finance. Sponsored by Aga Khan Foundation Canada CIDA, Organised by Aga Khan Foundation Pakistan. 2005.
32. MUÑOZ-MUÑOZ et al. Mujeres del medio rural y nuevas tecnologías de la información y la comunicación: resultados del proyecto Rur@lia. *C i. Inf.*, Brasília, v. 33, n. 3, p.111-115, set. /dez. 2004.
33. NEGRÃO, T. VISCARRA, S. Tecnologias de informação e comunicação como ambiente de empoderamento de gênero. Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais Participação e Democracia 25 a 27 de abril de 2007, UFSC, Florianópolis, Brasil Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais - NPMS ISSN 1982-4602.
34. PAZ Mônica de Sá Dantas. Entre o movimento de mulheres da/nas tic's e os feminismos: uma análise do grupo /mnt – mulheres na tecnologia. *Contemporânea | comunicação e cultura* - v.13 – n.02 – maio-ago 2015 – p. 329-347 | ISSN: 180993.
35. POZZEBON, M. Quando a tecnologia empodera as mulheres. *Anuário de pesquisa*, 2014-2015. FGV, 2015.
36. PRÁ, Jussara. Cidadania de gênero, capital social, empoderamento e políticas públicas no Brasil. In: BAQUERO, Marcello (Org.). *Reinventando a Sociedade na América Latina: Cultura política, gênero, exclusão e capital social*. Porto Alegre: Brasília: Editora da Universidade/UFRGS, CNDM, 2001. p.19-49 e 178-208.
37. SEN.A. Desenvolvimento como Liberdade. Companhia das letras: 2001.



38. ROMANO Jorge O. Empoderamento: recuperando a questão do poder no combate à pobreza. em Empoderamento e direitos no combate à pobreza. Rio de Janeiro: Action Aid Brasil. Romano Jorge O. e Antunes, Marta. 2002.
39. STROBINO, M. R. D. C.; TEIXEIRA, R. M. Empreendedorismo Feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicasos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba. Revista de Administração, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 59-76, jan/fev/mar 2014.
40. SOUSA, R. M.B. C. MELO, M. C. de O. L. Mulheres na gerência em tecnologia da informação: análise de expressões de empoderamento Revista de Gestão USP, versão impressa ISSN 1809-2276, REGE-USP v.16 n.1 São Paulo mar. 2009.
41. TORRES, L. F. P.; LOPES DA SILVA, F. C. A inovação nas empresas de Caruaru-PE. International Journal of Innovation; Sao Paulo 2.2 (Jul-Dec 2014): 142-159.
42. ORLIKOWSKI Wanda J. • IACONO C. Suzanne. Research Commentary: Desperately Seeking the “IT” in IT Research—A Call to Theorizing the IT Artifact. Information Systems Research, 2001 INFORMS Vol. 12, No. 2, June 2001, pp. 121–134.
43. SENA, L. M. TESSER C. D. Violência obstétrica no Brasil e o ciberativismo de mulheres mães: relato de duas experiências. COMUNICAÇÃO SAÚDE EDUCAÇÃO. 2017; 21(60):209-20. DOI: 10.1590/1807-57622015.0896.
44. WOLF, Tania Maria. O empoderamento de mulheres através da inclusão digital. Inc. Soc., Brasília, DF, v. 3, n. 2, p.106-122, jan. /jun., 2010. 25 de janeiro de 2017 - 21h30.
45. WALSHAM, G. (2017). ICT4D research: reflections on history and future agenda. Information Technology for Development, 1-24.